

[POESIA]

# POESIA ATÉ AQUI

Marcelo Sandmann

---

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
Parana **B**





MARCELO SANDMANN

# POESIA ATÉ AQUI



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



**COPYRIGHT © 2025 BY MARCELO SANDMANN**

**Título: POESIA ATÉ AQUI**

**Linha literária: COLETÂNEA DE POESIA**

**Rodrigo Guedes**

Design de capa

**Tâni Falabello e Paula Vendramini**

Revisão

**Lhaisa Andria**

Diagramação

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sandmann, Marcelo

Poesia até aqui / Marcelo Sandmann. --  
Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-28-4

1. Poesia brasileira I. Título.

25-254285

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



[www.lumuseditora.com.br](http://www.lumuseditora.com.br)





## NOTA DO AUTOR

Com exceção de *Antologia poética* (2017), o presente volume reúne todos os meus livros de poesia publicados até o ano de 2020, quando da abertura do “Edital Outras Palavras – Lei Aldir Blanc”, ao qual este projeto editorial foi submetido. São eles: *Lírico renitente* (2020), *Criptógrafo amador* (2006), *Na franja dos dias* (2012), *A fio* (2014) e *Sangue na guelra* (2016). Posteriormente, viria ainda a público *Não cicatriza* (2021), não contemplado nesta reunião.



# **LÍRICO RENITENTE (2000)**

PARA SILVIA CONTURSI



concisão de luz  
lâmina precisa

claustro o corpo  
o fôlego  
sílabas exíguas:

exposição de vísceras

## Poesia até aqui

meu rigor: vigor  
de músculos

dedos, dentes  
na garganta

o sangue grosso  
acalentando um susto

torcer  
este silêncio  
aflito

até que um grito  
caia

sem sentidos

e eis-me pênsil:  
sul e norte

a luz de um gume  
o pus  
de um corte

minha mínima alquimia  
minha máxima  
alegria:

sorver o sumo de pedras  
trincar os dentes  
n'água fria

## O ENGENHEIRO EMBRIAGADO

*João Cabral*

*certamente há de desdenhar este conhaque*

Com a precisão  
de um engenheiro  
embriagado,

traço-me  
certíssimo  
a compasso:

irregular com  
todo rigor,

desregradamente lúcido,

calculadamente im-  
perfeito.

## LÍRICO RENITENTE

Atado ao fio do verso;

suspenso pelos pés  
de substantivo abstrato;

flagelado a golpes de vírgula,  
cutiladas de exclamação;

cusparadas de metáforas,  
sobre o rosto, em derrisão:

EU,

remanescente,  
réu reincidente,  
lírico renitente,

condenado a arder pra todo o sempre  
no fogo-fátuo  
de adjetivadíssima aflição!

## CIRCO DE BAIRRO

*"Ninguém bateu palmas."  
("Poema Circense" – José Paulo Paes)*

Meu coração é o picadeiro  
de um circo devastado.

O leão e o tigre bocejam,  
os trapezistas bebem cachaça,  
o palhaço coça as rugas,  
cata as pulgas  
da macaca.

Só a pequena bailarina,  
de sorriso delicado,  
ensaia a última pirueta  
sobre o pezinho amputado.

## EXERCÍCIO DE CRUCIFIXÃO

*A profundidade não é propriamente  
uma virtude pós-moderna.  
(Anônimo – séc. XX)*

1. Luz esmaecida,  
a sala em silêncio absoluto.
2. De pé, olhos fechados,  
braços soltos ao longo do corpo.
3. Respiração livre.
4. Os joelhos fletem-se lentamente.
5. As nádegas tocam os calcanhares,  
as mãos roçam o chão.
6. Pausa para possível meditação.
7. O corpo concentra-se todo  
e no vigor do impulso  
salta:
8. movimento ascensional.
9. O corpo crucifica-se no ar  
e estanca.
10. (As plantas dos pés  
a pelo menos 10 cm do chão,  
*s'il vous plaît!*)

traduzir em sânscrito  
o que ao sol  
transcende

traduzir em sangue  
o que a sombras  
recende

traduzir em sus!  
o susto  
entrementes

## TRÍPTICO DO AMOR ELÍPTICO

1.

Sensualidade pânica  
transbordando o vestido.

Algumas coisas cogitadas,  
fino instinto de abrigar-me:  
figos túrgidos,  
água rasa?

Eu teria dito “sempre”,  
mas um lapso talhando-me a língua  
e aquela pedra  
agarrada ao corpo.

Era jogar num poço  
e pronto.

2.

Guardá-la  
num oco do corpo,

a ver se renasce  
no meu sangue menos sonso?

Sorrisos, siso extraído!

Se uma navalha,  
rasgava-me o fígado.

3.

Inscrições rupestres  
nos desvãos do corpo.

Um bisão musculoso  
amedronta? Um bisonho sorriso  
no rosto?

Tudo tão rubro aqui  
e o amor rugindo afoito.

.....

Agora entendo essa serpente.  
Cipoal de nervos tensos.

Um pasmo, a foice,  
um rasgo.

E Deus atordoadado  
exposto nu  
no ventre.

luz!  
ao laço de cifras

luz!  
ao lapso de enigmas

luz!  
ao lastro de intrigas

luz!

## AXIAIS

1.

Sobre a superfície tenra  
de duas nuas axilas,

um preparado forte  
(química esquiva),

síntese de sais, agarrás  
e poderosas essências íntimas.

2.

Despejados dos sapatos,  
livres de meias,

imponderavelmente nus,

os pés trescalam  
um odor  
de terna agonia.

3.

Sem nenhuma cerimônia,  
a urina penetra por todo o tecido,

fermenta ao calor do corpo,  
depura ao sabor das horas,

impregna o ar  
com maligna maestria.

4.

Certas sugestões metafóricas  
são mais do que óbvias,  
mas decididamente inevitáveis:

como a das nádegas,

com seu relevo macio de colinas,  
gêmeas univitelinas,  
gelatinas infatigáveis.

5.

O ombro,  
posto implume,

impõe ao braço  
espasmo obsceno  
de asa.

6.

Olhos tristes, macerados,  
vinho tinto avinagrado,

servidos em jarros de barro  
à saúde de ninguém.

7.

Na palma da mão,  
nenhuma escrita  
de caligrafia elíptica.

Na palma da mão,  
nenhum resquício  
de mistério e sacrifício.

Na palma da mão,  
somente as certezas da pele: nada  
na palma da mão.

## AS COISAS DA CASA

1.

Ela agora só pode amar  
com a paixão contida  
da borboleta espetada na placa de isopor.

(De vez em quando uma asa estala  
e sai voando pela sala  
e quer quebrar o abajur.)

2.

Trazia nas mãos pressurosas  
o ramo das rosas do arrependimento.

E no botão da rosa mais vistosa,  
a abelha venenosa,  
que bulia por dentro.

3.

A raiva invadiu a casa  
numa labareda violenta.

Crestou tudo!

Agora os dois carregam baldes d'água  
pra dentro,  
espionados pelos vizinhos,

que olham de longe,  
por trás de gelosias engelhadas.

Marcelo Sandmann

## JOCKEY CLUB

Enquanto tuas  
nádegas fogosas  
nitrem,

meus lábios cravam  
as esporas num  
sim.

## FREUDISTA RECALCITRANTE

O impulso fundamental  
de todo pênis em ereção  
é achar um orifício adequado  
em que se introduzir.

E tudo mais é civilização.

## PEEP-SHOW “EL SIGLO DE ORO”

Um colo claro, casto,  
um clássico alabastro,  
recebe o selo raro  
de uns lábios de rubi.

Qual barroco querubim  
tangendo oco flautim,  
Cupido, todo transito,  
arfa as asas – frenesi!

## SADOMASOQUISMO À LA CARTE

Beijarei teus lábios  
com requintes de crueldade.  
Afarei tua pele macia  
com todo o ódio que há no mundo.  
Pousarei minhas coxas sobre as tuas  
como edifício que desabasse.

Mas, se preferires:

Morderei teus lábios  
com extrema delicadeza.  
Rasgarei tua pele macia  
com a ternura que não há no mundo.  
Pisarei em tuas coxas  
como santo que levitasse.

Marcelo Sandmann

## CATEDRAL METROPOLITANA

Os falos  
eretos  
da fé

semeiam  
nos céus  
suas preces.

## DALTONIANAS

1.

Deu pra beber depois de velha:  
louça suja rolando na mesa,  
pinga na caneca de café.

2.

Gostava de acarinhar a menina  
como o cachorro de rabo quebrado  
e olho remelento  
que ele nunca teve.

3.

Brejeira,  
a mosca varejeira  
afaga o rosto  
do velhinho morto.

Marcelo Sandmann

## LEMSKIANA

meio op meio pop  
meio  
vladimir propp  
ao fim & ao cabo  
ops!  
muito rock'n'rollmops

## SOL JAPONÊS

7 horas da manhã.  
Um sol japonês  
sobre o céu de Curitiba.  
Fugiu pra onde o monte Fuji?  
Atrás da Serra do Mar?  
Do prédio da Telepar?  
O poeta-samurai eu sei:  
descansa em paz  
no Cemitério da Água Verde.

## PRIMEIRO (E ÚLTIMO) SONETO BOLORENTO

Releva este silêncio distraído,  
meu amigo, com que hoje te recebo.  
Sei o semblante que terás trazido,  
malgrado o muito pouco que percebo.

O olho cego, o ouvido empedernido,  
a mão teimosa no copo em que bebo,  
o corpo a gosto todo constrangido,  
já nada resta do homem que concebo.

Já nada resta da antiga aspereza  
que nos fazia as horas comoventes,  
que nos movia a razias danadas.

Senta logo comigo à minha mesa:  
vamos brindar aos ossos renitentes,  
vamos beber às almas devastadas.

## MINUETO IMPRESSIVO

Pousou sobre os lábios,  
com leve pressão do dedo,

o pedido de silêncio,  
retenção de singelo segredo.

(Nem Satie  
teria sido tão

sutil!)

## JAZZMEN

### I.

Blue note, veludo gris:  
*Chet Baker sings again.*  
O grão da voz no chafariz,  
mas em surdina.  
(O amor a dor só para mim!)  
Chet Baker sings.  
Amém!

### II.

Hard-bebop-free.  
Salto livre no buraco negro.  
Voragem, vertigem.  
*A love supreme:*  
John Coltrane,  
como se beijasse brasa.  
(My favorite thing!)

### III.

Kind of blue.  
"Menos é mais."  
Toda a raiva o sopro lírico contido,  
seta que chega em cheio.  
(Meu coração sangra aqui!)  
Sem mostrar a alvura de um dente,  
Miles Davis smiles.

## VOLTAR A CANTAR

*antes que este livro acabe*

Voltar a cantar o que é claro  
com um verso muito claro.

Voltar a falar do que é simples  
como quem se sabe simples.

Voltar a rimar a palavra  
consoante outra palavra.

Voltar a medir uma estima  
com o metro de outra estima.

Voltar a dizer com a boca  
o que quer a tua boca.

Voltar a saber de ouvido  
o que soa em todo ouvido.

Voltar a viver o que vive  
já que belo é quanto vive.

Voltar a sentir o de sempre  
porque nada é para sempre.

## POÉTICA NEGATIVA

*para algum poeta em disponibilidade*

Não quero a palavra enrijecida:  
pedra circumspecta  
impermeável à vida.

Não quero a palavra mutilada:  
autópsia incisiva,  
vísceras reviradas.

Não quero a palavra intransponível:  
ponte que pende  
no vão do invisível.

Não quero a palavra imaculada:  
ária rarefeita  
avessa a ser cantada.

## ACALANTO

*para Francisco*

Calco a dor nos dentes do siso  
e espraio no rosto um sorriso.

(Todo rumor é desatino:  
não quero acordar o menino.)

Colho do ar o que desencanta,  
sussurro o canto que acalanta.

(Longe daqui a má lembrança:  
tenho nos braços a criança.)

Verto mel dos lábios gretados  
pelo fel que havia provado.

(Rezo a Deus pelo anjo e me calo:  
sob o silêncio aprendo a amá-lo.)

## QUEM ENTREGA O CORPO

*para Clarice e Luíza, este quase-testamento*

Quem entrega o corpo à sorte  
sabe sorver a inquietude,  
sabe que nada é muito forte,  
favo de vício ou virtude.

Quem entrega o corpo à arte  
sabe o sabor do martírio,  
sabe que a alma nunca parte,  
sempre aqui o seu retiro.

Quem entrega o corpo à vida  
sabe beber da beleza,  
sabe a reza comovida  
no rosário da incerteza.

Quem entrega o corpo à morte  
sabe seguir o seu signo,  
sabe que nada impede o corte,  
último, único desígnio.

## QUANTO TEMPO DURA UM POEMA?

Quanto tempo dura um poema?

O tempo do olho  
sobre a página?  
O tempo do corpo  
vida afora?  
O tempo da pátina  
na memória?

Quanto tempo dura um poema?

Este poema.

Este,  
que você lê agora.





# **CRIPTÓGRAFO AMADOR (2006)**

PARA BENITO RODRIGUEZ  
E ADALBERTO MÜLLER  
AMIGOS AO LONGO DA LIDA



## PRESTIDIGITAÇÕES

1.

Nada nesta mão,  
nada nesta outra.

Agora o gesto rápido  
(movimento insidioso do braço).

E extraio, entre os dedos,  
do espaço abstrato,

o pássaro, que se desata,  
ascende e se desbarata:

magnífica elisão  
de todo este cenário!

2.

EI-LO: O PÁSSARO EM CHAMAS

3.

Partamos do pressuposto  
de que as plumas que caem  
sobre o tablado  
(lâminas luminosas  
de silêncio concentrado)  
são fragmentos impossíveis  
de metáfora irrecusável.

Partamos do pressuposto  
de que novo gesto lépido  
e enigmático (costura musical  
invisível no espaço)  
logrará remendá-la,  
propondo de novo o pássaro,  
posto agora empalhado.

Partamos do pressuposto.

Marcelo Sandmann

SOB A PELE DO VERSO  
(ESPASMOS CULTERANO-CONCEPTIS-  
TAS DESTE POETA SOBRE O ASSUNTO  
DE SEMPRE)

viro o verso do avesso  
e no avesso  
do verso  
olho no olho  
espelho contra espelho  
eu me recolho  
e me  
disperso

\*

o que desconheço  
reconheço  
o que conheço  
já não sei ao  
certo

tranco a porta do quarto por  
dentro  
e desperto a céu  
aberto

\*

lua nova?  
sol poente?  
eclipse  
esquivo?  
cometa manifesto?

Poesia até aqui

ali no bojo do buraco negro  
sumidouro de universos  
    atiro a seta  
    que chega em cheio  
        e iço  
    o continente  
    submerso

\*

mas a superfície permanece  
    intacta  
    águas tácitas  
    congeladas  
pedra dura onde  
    não brota  
    nada

\*

com o metro que meço  
    tudo que teço  
    traço o traço  
    paralelo  
    que

correndo a contrapelo

    borda  
por sob a pele do verso  
    esta flor de sangue  
    e segredo

## NU SUBINDO UMA ESCADA

ela tem o passo  
lento de quem  
saindo do  
compasso  
ralentando o  
andamento  
escandindo o  
verso lasso  
expandisse o  
movimento  
cada vez a  
cada passo  
permitindo que o  
silêncio entre um  
passo  
e outro passo  
esgarçasse assim o  
tempo  
dilatasse o  
próprio espaço  
desfazendo o que  
de acerto  
há no passo  
atrás do passo  
imprimindo o  
contratempo  
impelindo ao  
sobrepasso  
resumindo num  
tropeço o  
destempero  
e o cansaço

Poesia até aqui

(ela tem o passo  
lento de quem  
pressupondo  
o embaraço  
ansiasse o só  
momento em  
que pudesse  
ter evitado  
dar o primeiro  
passo

## BREVE INCISÃO NA BELEZA

Dedos habilidosos  
acionam um piano líquido  
e prismático.

Exercício de  
acazos premeditados,  
tal improviso é parâmetro  
para a coreografia  
das horas,

clivagem das águas  
de um chafariz  
engasgado.

Ali,  
escandida em gotas  
que se enlaçam aos cristais  
do sol,

a melodia abre  
asas para um voo  
impalpável.

Num tarde em que  
tudo é leveza,

vê-se breve incisão na beleza.

## 11 CROQUIS P/ GESTO & DESEJO

1.

Se a mão esboça  
a curva de uma anca,

o tempo, em dispersão,  
subitamente estanca

e o espaço se precipita,  
constrito e necessário.

2.

Teus ombros recortam  
no ar  
um recanto,

em que meus olhos,  
cheios de encanto,

querem logo repousar.

3.

O alento que sai  
de tuas narinas,

borboleta pequenina,

roça, sem alvoroço,  
a penugem do meu pescoço.

4.

À sombra fresca de dois seios,  
de onde manam leite e mel,

lábios peregrinos fazem recreio

e alimentam um desejo,  
novamente fiel.

5.

Porque no céu da tua boca  
certamente habitam

Anjos,

minha língua, litúrgica,  
se espirala e se evolva.

6.

Esta coreografia  
ninguém nos ensinou.

E no entanto dançamos  
e não tropeçamos.

Sabemos os passos,  
todos, de cor.

7.

Quem decide  
onde cravar os dentes:

a nádega que se oferece

ou a nuca,  
intransigente?

8.

Nas páginas em branco  
destes lençóis,

braços e pernas  
rimam entre si,

bocas degustam  
a irredutível metáfora.

9.

Liquefeitos,

teus dedos escorrem  
pelo meu peito.

10.

Sobre o lábio superior,  
minúsculas gotas  
de suor,

que o sol,  
coado pelas mechas  
do cabelo,

vem colher  
com redobrado  
zelo.

11.

“Me liga amanhã?”

## MARINHAS

1.

o mar sua língua de sal  
a espádua áspera da pedra

o sol seu dossel: mel  
turvo flautas aflitas

gaivotas mastigam a tarde  
nuvens em carne viva

2.

ele é simplesmente: o vento  
e sopra sua flauta

mas não como quem apascentasse  
e sim incitasse  
as ondas

rebanho esquivo  
que vem dar a esta pedra  
convulso e

faminto

## CONHAQUE #1

rói, corrói  
mordaz, mordente

dente de serpente  
língua viperina

dentro, lento  
veneno que se instila

em pleno coração  
circulação sanguínea

cáustico:  
queima & cauteriza

Marcelo Sandmann

## CONHAQUE #2

se rasgasse  
a víscera

cevasse a úlcera

inchasse, enfim, o  
abscesso

agora sim: ferida viva

(um grito inscrito  
em seu recesso)

## 3 POSTAIS

1.

no viaduto, em  
pleno lusco-fluxo  
atrelados à própria miséria

eles voltam para casa

centauros do cu-do-mundo  
carregados de refugo  
eles mesmos: refugo?

2.

que saltimbanco é esse  
que salta ao  
sinal vermelho?

nas mãos, três  
bolas de meia  
pés descalços sobre o asfalto

e uma intangível labareda  
no bafo na lata  
de cola

3.

ali

naquele trecho da calçada  
agora à noite  
alguns se deitam, se cobrem  
com sacos de estopa

e dissimulam  
piras  
funerárias

## *SYMPATHY FOR THE DEVIL*

Estudamos nas melhores escolas  
Frequentamos cursos de línguas  
Aulas de bateria e guitarra  
Academias de musculação  
Dirigimos carros importados  
Vestimos roupas de grife  
Dispomos de planos de saúde  
Somos sócios dos melhores clubes  
Viajamos, todos os anos, de férias, para o exterior  
Nossa mesa sempre esteve cheia  
Moramos em condomínios fechados  
Com muros altos  
Arame farpado  
Guardas armados por todos os lados  
Nosso pai é senador da República  
Juiz do Supremo  
Próspero empresário  
Conselheiro do Banco Central

\*

Assim, terá sido por mero desfastio  
Que varamos a noite de ontem  
Travados de uísque e de coca

Depredando telefones públicos  
Aterrorizando casais de namorados  
Espancando e queimando indigentes nas calçadas

\*

E se sociólogos antropólogos psicólogos metidos a besta  
Quiserem explicar  
Os tantos motivos de nossa singular rebeldia

Eu, de minha parte, simplesmente direi:  
"Ele" existe  
E concedeu-nos franquia

Por gentileza, queira aceitar o meu cartão

## ENQUANTO ISSO, NO OUTRO CANAL

Trancado  
no quarto apertado  
vigésimo  
segundo andar  
de cócoras sobre  
a cadeira  
nariz  
grudado na janela  
vidros meio  
embaçados  
frio pelos  
furos do casaco

ele rói as  
unhas  
olha as  
luzes da cidade  
e aguarda  
(extático)  
o iminente  
o inevitável  
o imponderável  
regresso dos

Incas Venusianos.

Marcelo Sandmann

## CURITIBA 4° C

*modesta contribuição local  
à Estética do Frio  
de Vítor Ramil*

&

Em Curitiba,  
segundo o delegado titular  
da Delegacia de Homicídios,  
Agenor Salgado,  
durante os meses de  
junho, julho e agosto  
– épocas do ano com as  
menores temperaturas – ,  
o número de assassinatos diminui  
e aumenta o de suicídios.  
Segundo o mesmo Salgado,  
os suicídios são ocasionados,  
na maioria das vezes,  
por

d e p r e s s ã o .

&&

A psicóloga Danielle Daher Macedo de Carvalho  
afirma que,  
para evitar este tipo de problema  
no inverno,  
as pessoas precisam:

Poesia até aqui

1. Desenvolver algum tipo de  
atividade física.

("Qualquer alongamento  
feito em casa mesmo  
já ajuda.

O simples fato de espreguiçar  
é importante.")

2. Usar o frio para desenvolver  
atividades gostosas,  
como convidar os amigos  
para jantar.

Obs.: Danielle aconselha a ajuda  
de um profissional especializado  
para casos extremos  
de

d e p r e s s ã o.

&&&

TEMPERATURAS DEVEM CAIR MAIS NOS PRÓXIMOS  
DIAS  
PREVÊ SIMEPAR

*(Fragmentos mui especiosamente  
colhidos em notícia  
do jornal Gazeta do Povo  
de 19 de junho de 2001.)*

## MARGINÁLIA *REVISITED*

Atenção!

Isto não é um poema.

Também não é aviso prévio,  
ingresso de cinema,  
fatura de cartão de crédito.

De qualquer forma,  
as dívidas são agora impagáveis,  
o cine virou bingo e,

emprego que é emprego,  
você nunca arranjou.

Quanto às garatujas aí no guardanapo?

Bem!

Pra quem só tomou dois conhaques  
e ainda nem tocou no rollmops,

tá feio, meu chapa,  
tá feio!

## EPITÁFIO

(para outra geração *fin-de-siècle*)

Sob  
os escombros  
da torre de marfim,

o corpo do poeta  
arqueja.

Vísceras escorrem  
do abdômen  
entreaberto, tingem

o concreto calcinado,  
o ferro  
retorcido,

a poeira que  
lentamente  
assenta.

Um foco de incêndio  
a alguns lances dali

ameaça encher a cavidade  
de fumaça  
e cinzas.

Não há motivos para pânico.

Os bombeiros o alcançarão dentro de dois ou três dias,

Marcelo Sandmann

e até lá  
ele terá  
certamente  
tido ainda  
tempo  
mais do que  
suficiente  
para

polir seu último verso.

## PATO AO TUCUPI

(uma breve digressão heroi-cômica)

*"Well, she was just seventeen,*

*You know what I mean..."*

*("I saw her standing there" – Lennon & McCartney)*

"A soma dos quadrados dos catetos  
É igual ao quadrado da hipotenusa".  
Assim foi-me dizendo em tom faceto,  
Enquanto desabotoava a blusa.  
Eu, de natural um tanto obsoleto,  
Com medo de encarar ali Medusa,  
Os olhos para o teto desviei.  
Mas em vão, que um espelho vislumbrei!

Ela, que rubor algum maculava,  
Fitando em minhas faces forte pejo,  
Já larga gargalhada desatava,  
Finda a qual, sapecou-me rijo beijo.  
Se do amplexo fatal eu me esquivava,  
Nas gingas imitando o caranguejo,  
Mais e mais ela a mim arremetia,  
Decidida a pôr fim à carestia.

Como leoa esfaimada que deixa  
Seus cachorrinhos todo um dia ao léu;  
Léguas e léguas percorre, sem queixa,  
Sob sol rigoroso no ancho do céu;  
Té que manada cerque, que desleixa  
Tenra rês em meio ao grosso escarcéu;  
Da pobre no dorso as garras cravando  
E na garganta as presas incrustando:

Tal e qual ela ali me acarinhou.  
Ou das vodcas com limão que libamos,  
Que Diônisis Polaco prostrou;  
Ou do vidro de *rollmops* que emborcamos,  
Quitute que Tiestes desdenhou;  
Sobre estar eu há muito entrado em anos:  
Quanto mais junto a mim já se inclinara,  
Tanto mais do escrutínio eu declinara.

Canta-me a cólera, ó Musa, daquela  
Pequena, dir-se-ia vera Circe,  
Que ao artelho premia joia bela,  
À língua perfurava fero *pierci*,  
Tatuada do cachaço às canelas  
(Quem pudera dali, então, partir-se?),  
Logo a mim metamorfo me querendo  
Em pato ao tucupi, ó caso horrendo!

“Ora sus!”, trovejou, a cavaleiro.  
Mas por mais que eu vibrasse na rabeca,  
O som saía cavo e não brejeiro.  
Levar prevendo eu cá uma fubeca  
E a fama conquistar de potoqueiro,  
Palpar-lhe ofereci por ceca e meca,  
E quando já adentrava Santarém:  
Ai-meu-Jesus-José-Maria-amém!

(Em lendo, acaso, o derradeiro dístico,  
Julgar, leitor, que um tanto já me excedo,  
Eu juro: meu intuito é cabalístico,  
Que prezo de ser sublimado aedo.  
Pesar pois do pendor folhetinístico,  
Deveras, qu’ele-o-há, isso eu concedo,  
Matéria assaz subida e meritória  
Subjaz lá nos desvãos da nossa história.)

No couro, enfim, convindo que eu não dava,  
No couro, sim, quis dar-me, por desprante.  
Co'as meias com que os pés agasalhava,  
Meus pulsos preste atava, ó terna amante!  
Saca da saia a cinta, fibra brava.  
Zurze já o frigobar, febricitante.  
Mas antes que lambasse por detrás:  
"Cruz-credo! Te arrenego, Satanás!"

Ó, que não sei de nojo como o conte!  
Agora que me vi predestinado  
Ao carro, pois, puxar de Automedonte,  
Ai! crendo-me mui firme e bem picado,  
Ei-la: faz-se de serpe aglifodonte.  
Maldito o malo dia em que fui nado!  
Que a ver se recobrava a robustez,  
Nas artes confiava do Marquês.

Pois ela, no nariz já me afagando,  
"Benzinho", disse assim, "deixa pra lá!"  
E a crua tessitura desatando,  
Bem certa de não ver-me ao deus-dará,  
Ao colo, muito casto e muito brando  
(Menina que aninhasse o seu preá),  
A mim de modo terno recebeu,  
E ao prélio algum descanso agora deu.

Juntinhos, bem juntinhos sobre o tálamo  
(A tudo, enfim, supera a pura estima!),  
As unhas, deslizando como cálam  
(A quanto não obriga o amor da rima!),  
Furunc'lo lacerou. Reclamo: "Ai, amor!"  
(E nova vez maculo est'obra-prima.  
Pois lá onde me falham consoantes,  
Eu meto, sem piscar, tonitruantes.)

Passada esta propícia moratória,  
Havendo dos trabalhos repousado,  
Cioso de evitar objurgatória,  
À pugna fiz-me então reconvocado.  
Às artes recorrendo da oratória,  
Expus algum receio bem fundado.  
Da bolsa então boceta retirou,  
Que tal a de Pandora se mostrou.

Grânulos brancos de pequena ampola  
Sobre caco de cristal esparzia,  
Onde a pintura, a fim de recompô-la,  
Do rosto ali mirar lesta soía.  
"Pões-te logo a arrulhar, pequena rola,  
Ufana de ciscar fina iguarial!"  
Com lâmina, que penugem extirpava,  
Estreitos, seis carreiros perfilava.

Qual hexagrama *ch'ien*, o criativo,  
Que ao próprio céu semelha tem a imagem;  
Que àquele a quem, em lance consultivo,  
Tirar coube da sorte na triagem  
Já favorece, pois, por forte e ativo,  
Perseverante e inflo de coragem:  
O esquisso tal ali foi debuxando,  
Eflúvios positivos instilando.

Cédula de cem mangos requestou,  
Que um tanto a contragosto forneçi.  
Nos dedos, já bem hábeis, enrolou,  
Canudo muito fino obtendo assi'.  
Um extremo à fossa destra achegou  
Do nariz; o outro depôs bem ali  
Onde o primeiro carreiro se via.  
Num relance, por inteiro o sorvia.

Tais passos segui, de fio a pavio,  
Fiado, ao fim, de alcançar salvação.  
Varado fui por súbito arrepio,  
A que seguiu-se forte comichão.  
Privado assim de qualquer alvedrio  
(Toldado se via o sol da razão),  
Presto, terceira trilha palmilhei:  
Piparote prestíssimo tomei.

Co'as mentes afiladas a estilete,  
Convictos de rasgar todo o ilusório,  
Sentamo-nos em lótus no tapete,  
Início dando logo ao parlatório.  
Ideias vêm e vão em ricochete,  
Imagens de fulgor fulminatório,  
Conceitos entre si tão concertados,  
Que cá ficamos nós desconcertados.

Paroxismos de intelectual gozo  
Coroavam a festa dos sentidos.  
Iluminações em fluxo assombroso,  
Transsubstanciações de toda a libido.  
Mas quando, enfim, o Verbo portentoso  
Já nada ocultava a nossos ouvidos,  
Súbito ouvimos forte rataplã,  
Pancadas abruptas: pam! pam! pam! pam!

Fora dos gonzos, a porta esboroa.  
"Parado todo mundo, documento!"  
Quatro gorilas pós uma elefoa  
Congestionavam nosso apartamento.  
"Uchoa, junta as roupa' do coroa",  
Disse aquela, de modo virulento.  
Este, recém-fardado cabo-mor:  
"A mina, capitão, é de-menor."

(A menos que enganado muito esteja,  
À estrofe acima cabe revisão,  
Já pelo emaranhado que sobeja,  
Já pelo mistifório em profusão.  
Ai de quem na gramática manqueja!  
Por mais que brote o estro em borbotão,  
Se num lapso mero acento esquecesse,  
Logo excluso de Parnaso vivesse!)

Três lanços nós descemos, manietados,  
Vestidos só c'orvalho madrugueiro,  
Contritos, cabisbaixos, mui vexados,  
Cercados por aqueles perdigueiros.  
De minha amiga vi-me separado;  
Trancado fui em camburão coiceiro.  
Propus dispor a todos grana preta:  
Alguém cascou-me o cabo da escopeta.

Memória inda metida em torvelim,  
A nuca dolorida e latejando,  
Aos poucos, de mansim, assim-assim,  
Do transe atroz me fui recuperando.  
A tudo explicar, tintim por tintim,  
Em torpe distrito foram-me instando.  
Jurando haver ali crocodilagem,  
Incluso vi-me enfim na carceragem.

Quiçá tivesse ao fim eu boa xênia!  
Já séc'lo e meio empós a escravidão,  
Mesclada sempre mais nossa progênia,  
Conceitos, preconceitos em questão,  
Aos afrodescendentes peço vênia:  
A cela estava cheia de negão!!!  
Quem vai orar por mim, ó alma minha?  
Acaso, minha mãe, eu sou neguinha?

O que ali dentro então aconteceu  
É segredo que guardo cá comigo.  
Por que bramar que Deus nos esqueceu,  
Que foi o Demo quem nos deu abrigo?  
Ao fim e ao cabo, sim, tudo valeu,  
Mormente quando safos do perigo.  
Em breve, pois, aqui, segunda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

## 15 PAESIANAS (À PAISANA) REUNIDAS AO ACASO

### 1. UM COPO D'ÁGUA PARA VINICIUS

As muito loucas  
que me perdoem,

mas lucidez é  
fundamental.

### 2. "BAR DESESPERANÇA" (O ÚLTIMO QUE ABRE)

Garçom, por favor!

Uma dose de soda cáustica.

(Da boa!)

### 3. NUMA *DRUGSTORE* PÓS-MODERNA

Sorria!

Você está sendo  
clonado.

#### 4. VÊNUS A MARTE, EM BREVE APARTE

No amor  
(diferente da guerra),  
Nem tudo vale,  
meu amigo.

No amor, deixas vivo  
o inimigo.

#### 5. LINGUÍSTICA REVOLUCIONÁRIA

Gramáticos de todo o mundo,  
uni-vos!

(E aboli os pronomes possessivos.)

#### 6. PROLEGÔMENOS A UMA PÓS-HERMENÊUTICA (O LEITOR TEM SEMPRE RAZÃO)

Melhor do que ler,  
reler.

Melhor que reler,  
tresler.

Marcelo Sandmann

7. OU COMO DIRÁ O FILÓSOFO  
QUANDO PARA AQUI RETORNAR

Americano,

demasiado americano.

8. E-MAIL A UM JOVEM POETA  
(DA LAVRA DE UM VELHO MEDALHÃO)

*Fuck you!*

9. FAST-FOOD

Entra na lanchonete,

pede um hambúrguer  
e uma coca-cola,

cofia o bigode

e aciona o detonador.

Poesia até aqui

10. *IN VINO VERITAS*  
(ready-nade)

“Eu não entendo  
muito,

mas gosto  
doce.

Sabe como é mulher.”

11. O EVANGELHO SEGUNDO BLOOM  
(VERSÍCULO ÚNICO)

No princípio  
era o Cânone  
e o Cânone estava  
com Shakespeare

e o Cânone  
era Shakespeare.

12. A ESFINGE NO DIVÃ

Decifra-te  
ou  
me devoro.

13. CONFISSÃO DE PÁRA-CHOQUE  
(*ready-made*)

"Antes sonhava.

Hoje,  
Não durmo.

Obrigado, Senhor!"

14. SÉCULO SEM LUZES  
(FUNDAMENTAL EU SOU)

Cada cabeça,  
uma sentença.

Cada baraço,  
uma cabeça.

Quando a verdade  
é apenas crença,

dá-nos o algoz  
feroz  
ciência.

Poesia até aqui

15. *A PENNY FROM MRS. POUND*

*Dear Ezra:*

Larga  
essa antena  
de banda

e vamos logo  
pra  
banda larga.

## CERVEJA & PROSA

*"A arte é uma Dama que distrai a morte  
Enquanto se atira aos braços da vida."  
("Poesia e Vinho" – Adalberto Müller)*

Um copo de cerveja  
e dois dedos de prosa,  
junto ao balcão de um boteco encardido.

Um salgado, que seja,  
e pimenta cheirosa.  
Pois bem: a ocasião faz o bandido.

Porque lá pelas tantas,  
pela porta entreaberta,  
a tal "Dama" daquele teu poema

chegou, um tanto às tontas,  
e justo na hora certa,  
de braços dados com o velho Tio Lema.

Sentaram ali do lado,  
de costas para nós,  
e como gargalhavam, gargalhavam...

Já eu, muito calado,  
ouvia logo após.  
(Mas como gargalhavam, gargalhavam...)

Sumiram de repente,  
evaporados no ar.  
Nem um eco restou do bate-papo.

Me aproximei, bem rente,  
o tempo só de olhar,  
uns versos truncados no guardanapo.

E cá comigo eu disse,  
em claro em bom som:  
“preciso achar caneta que não borre”.

E sem que alguém pedisse  
minha conta ao garçom,  
saí dali, um gole antes do porre.

## PRA FICAR DE BEM COM ELAS

*(versos sobre versos de Camões)*

### MOTE

Não sei se me engana Helena,  
se Maria, se Joana;  
não sei qual delas me engana.

### (RE)VOLTAS

Mas quem pode querer bem  
a quem tantas bem só quer?  
Pois eu, se fora mulher,  
não lhe crera, como crê'm.  
Quisera não ver que Helena,  
que Maria, que Joana,  
nenhuma já não o engana.

Fez a todas juramentos,  
a todas dará sua estima;  
se alguma diz que se fina,  
muitos versos lança aos ventos.  
Se cuida que quer Helena,  
mais Maria, mais Joana,  
muito a sim mais não se engana?

## CANTIGA À MODA ANTIGA (SOBRE VERSOS DE BANDEIRA)

*Teu corpo claro e perfeito,  
- Teu corpo de maravilha,  
Quero possuí-lo no leito  
Estreito da redondilha...*

No lençol de linho branco  
Que estendi por sobre o verso,  
Oblongo, algo de flanco,  
Teu corpo, largado e franco,  
Oferece verso e anverso.  
Poema raro e perfeito,  
Limalha de maravilha,  
Quero treslê-lo no leito  
Estreito da redondilha...

## SEGUNDO SONETO BOLORENTO (PSEUDOFILOMONÁSTICO)

Agora que, recluso, eu me delito,  
às voltas só com raros alfarrábios,  
sentando bem a prumo e escoreito,  
discreto, como cabe bem aos sábios,

ressurges (ai de mim! com que direito?),  
ferindo este silêncio e seus ressábios,  
feito uma tosse que entupisse o peito  
e flor de sangue remetesse aos lábios.

Assim, nem mesmo em solitária cela,  
logro, enfim, alcançar a minha cura.  
Cada página lida à luz de vela,

cada palavra, sílaba, rasura,  
até na mais casual borradela:  
em tudo encontro a tua carnadura.

## PARA QUE LEDA ME LEIA (VOLTAS SOBRE MOTE DE LEMINSKI)

*para que leda me leia*  
escrevo em papel de seda  
à mão, mas mão que tateia  
muito lenta, quase queda  
a mão de alguém que receia  
romper a trama da teia  
queimar-se na labareda

*para que leia-me leda*  
escrevo com grãos de areia  
que ampulheta, sim, me ceda  
sobre manchas, a mancheias  
grãos bem claros, como greda  
por que a gemas só suceda  
de restarem na bateia

*para que leda me leia*  
escrevo a vera vereda  
que a laguna, em lua cheia  
logo leve, lá onde leda  
ao doce canto que enleia  
(fero canto de seria?)  
seu sorriso me conceda

## CADEIRA NA VARANDA

Pendurei meu pensamento  
entre a avenca  
e a samambaia

Num galho da roseira,  
espetei  
meu coração.

Sossegados,  
enfim,

meus olhos pastam a grama do jardim.

## PSIU

Toda lembrança pressupõe  
inúmeros esquecimentos.

Escrevo teu nome aqui  
e quantos  
não leio no avesso?

Cada palavra dita,  
tantas outras adiadas!

Sob um céu  
cheio de estrelas,

catamos pedrinhas na calçada...





# **NA FRANJA DOS DIAS (2012)**

PARA OS AMIGOS DO ZIRIGDANSK  
PARA PAULO BRANDÃO



## URGÊNCIAS DE JEJUM

Abro este poema  
em urgências de jejum.

Hoje beberei apenas água.  
E morderei

aquela maçã  
se a fome espreitar.

Como o sol glorioso  
no azul  
ao meio-dia,

sonho agora um sonho lúcido,  
vítreo,  
sem mácula.

## PRIVILÉGIOS DO OFÍCIO

Relativa liberdade  
de entrar e sair sem  
tropeçar logo de cara  
no primeiro verso.

São poucos os privilégios  
do ofício. De um  
não abro mão:

trancar-me em casa  
à luz do dia,  
fechar as cortinas

e remirar um mar de estrelas  
no teto.

## E EIS-ME AQUI, SENHOR

*para Antonio Saraiva*

E eis-me aqui, Senhor,  
morador destes sapatos,  
caminhando no deserto,  
na vereda do sol a pino,  
irmão das cobras  
e dos lagartos,  
alimentando-me de cactus,  
aguarrás e *chili pepper*,  
e pregando aos quatro ventos  
meu sermão abrasivo,  
palavras duras,  
que arremesso adiante  
como pedras.

## QUEM SABE SE FALO ESTA LÍNGUA

*letra de música para Emerson Mardhine*

Quem sabe se falo esta língua  
Ou esta língua é quem me fala  
Palavras que tenho por minhas  
Sou escravo das palavras

Na boca banguela do mundo  
A prosa da vida ressoa  
Mesmo em beco surdo e mudo  
Algo vibra, tudo ecoa

Recolho na franja dos dias  
Os restos com que me alimento  
Na cópula de sons e sílabas  
Fixo um instante em meio ao tempo

(Quem sabe se falo esta língua  
Ou esta língua é quem me fala  
Palavras que tenho por minhas  
Sou escravo das palavras)

## VÁ PELA SOMBRA, MEU FILHO

Jatos rasgam os céus de Gaza.  
Pego as crianças na escola.  
Que barulho é esse na escada?  
Tenho medo.

Mais um prato sujo na pia.  
E esta dor aqui no peito.  
Outro verso estropiado.  
Tenho medo.

Conto os mortos na Chechênia.  
Eis que chega o contracheque.  
Que o Diabo vos carregue!  
Tenho medo.

Nosso amor... desmilinguiu-se?  
"Craveiro, dai-me uma rosa.  
Roseira não tem botão."  
(Tenho medo.)

Poesia até aqui

## NO ESPELHO DO BANHEIRO, AGORA CEDO

Marcelo, caro,  
não há com que se preocupar.  
A morte é uma questão de tempo.  
E o lugar  
pode ser qualquer lugar.

## ESSA COISA QUE ESTÁ CISCANDO

Essa coisa que está ciscando  
ciscando aflita aqui dentro do peito  
ainda é amor?  
será rancor?

(Pois o amor exige de nós  
nosso melhor  
e nosso pior.)

E aquele sentimento  
que era assim um céu imenso  
ficou tão pequenininho  
que agora cabe num lenço.

(Devo guardá-lo no bolso?  
devo acená-lo no vento?)

E se for de vez embora  
feito passarinho  
fazer longe um ninho  
só de esquecimento?

## PILARZINHO, 2012

Os galos já não cantam  
aqui  
de madrugada.

Os quintais encolheram.  
As casas de madeira  
quase desapareceram.

Pedreiros martelam as tardes,  
cimentam as manhãs,  
impermeabilizam as noites.

O velho bairro  
se esvai  
no frenesi imobiliário.

Marcelo Sandmann

## POR BARES TANTAS VEZES NAVEGADOS

*para Paulo Leminski, Marcos Prado  
e outros a vir, in memoriam*

um poeta bêbado  
(uma nau à deriva)

a rua de casa  
(o Cabo Tormentório)

um poema no bolso  
(um tesouro no porão)

fisgadas na barriga  
(cafres ao longo da costa)

## 7ª EDIÇÃO, REVISTA E ENCURTADA

Ai, diaba!  
Ai, bandida!

E eu que me gabava  
de ser assim “o cara”,

o rei da cocada preta,  
o superbambambã,

nunca pensei  
que o nosso amor,

que a minha vida

fosse terminar  
feito conto

de Dalton Trevisan.

Marcelo Sandmann

## RUA REAL GRANDEZA (COMPACTO SIMPLES)

*cut-and-paste sobre canções de  
Jards Macalé & Waly Salomão*

### LADO A

vou-me embora, embromadora  
vou tomar aquele velho navio  
se me der na veneta, eu vou

oh! sim, eu estou tão cansado  
anjo exterminado  
sou um cara sem saída

talvez eu volte, um dia eu volto  
noites em claro não matam ninguém

### LADO B

ah! vale a pena ser poeta  
tudo sentir de todas as maneiras

meu pisante colorido  
meu barraco lá no morro

veja: jatos de sangue  
espetáculos de beleza

## SÁ-CARNEIRO AO MOLHO PARDO

*“Quando eu morrer batam em latas...”*

Quando eu morrer, soltem as feras  
Por entre as praças apinhadas:  
Onças, leões, lobas danadas,  
Ogros, dragões, e as mais quimeras.

Rojem os anjos pelos becos,  
Atem seus pés a pára-choques  
E brindem, com sangue *on the rocks*,  
Às bruxas soltas, de olhos secos.

Cedam assento aos extremistas  
Nos gabinetes, nos comícios.  
Que jatos varram edifícios,  
E o sol se vá de nossas vistas.

Quando eu morrer, puxem a rolha  
Que veda o ralo do universo.  
Escoem tudo. E no reverso,  
Pintem um Deus novinho em folha.

Marcelo Sandmann

## BREVE NOTURNO PARA ROBERTO PIVA

Com as mãos sujas de sangue  
e a boca escancarada,

penetro a noite estrangeira,

desmancho  
o caramanchão de estrelas,

degolo a lua alucinada.

## SALOMÉ REVISITADA (SEXTA-FEIRA 13)

Quando adentrou  
o recinto do rei,

trazia nas mãos  
uma bandeja,

e na bandeja  
minha cabeça,

o coração  
enfiado na boca

e os cabelos guarnecidos  
de cerejas.

## NOS LÁBIOS DE LÉSBIA (TRESLENDO CATULO)

*pela tradução de Paulo Sérgio de Vasconcellos*

1.

Vivamos, amiga: amemos.  
Juízos severos? Neres de  
nugas, ou menos.

Morrem/nascem sóis.  
Já nós, extinta a breveluz,  
noite eterna dormiremos.

Um beijo & mais dez  
& mais cem & mais mil:  
nossosbeijosquantosbeijos?

De olhos cúpidos,  
alheios,  
o pecúlio ocultemos.

2.

Ela diz que quer deitar-se  
com ninguém, senão comigo.

Nem mesmo ao mesmo Júpiter  
ela um dia o consentisse.

Ela diz. Mas o que diz  
a este amante apaixonado,

convém grafar no vento  
ou nas águas de um regato.

3.

Amodeio. Por que o faço? Ignoro-o.  
Sinto-o feito, e me e-x-c-r-u-c-i-o.

4.

Fala sempre mal de mim,  
nunca cala a meu respeito.  
Mas que eu morra,  
se ela não me ama!

Sei-o bem aqui por mim:  
faço o mesmo a seu respeito.  
Mas que eu morra,  
se eu já não a amo!

5.

(Acreditas, realmente,  
que eu pudera maldizê-la,  
logo eu, e logo ela,  
todavidadestavida?

Não pudera. Mas  
pudesse,  
inda mais eu amaria.)

6.

Feliz, vidaminha, e permanente,  
propões, pois, o amor  
entre nós dois.

Ó DEUSES PORTENTOSOS!

Fazei seja vera essa promessa,  
profundas e sinceras  
as palavras,

por que possa perdurar  
por toda a vida  
eterno o puro pacto de amizade.

## SONETO MONOSSILÁBICO

Quem,  
eu?  
Eu,  
hem!

Bem  
meu,  
teu  
bem?

(Oi?!  
Foi  
mal.)

Sai,  
vai.  
Tchau!

## TERCEIRO SONETO BOLORENTO (AUREOPRISCONOSTÁLGICO)

Um beijo, meu amor, já me bastara,  
intenso, inaugural, descomedido,  
que havendo, ao cabo, o Tempo consumido,  
ainda a Eternidade demandara.

Um beijo raro assim e eu me acabara.  
E do Horto terrenal, enfim, partido,  
ao Éter luzidio recém subido,  
o Cosmo e o Caos inteiros abarcara.

Mas vejo, meu amor, que no teu rosto  
sorriso largo agora se acendeu.  
Estranhas, no meu verso, o antigo gosto,  
e sobre velho, crês que estou sandeu.

Pois contra o vil veneno destes dias  
não podem, nunca mais, tais melodias?

## CANÇÃO DE MAIO

*“Lanquand li jorn son lonc en mai  
m’es bels douz chans d’auzels de loing”  
(Jaufre Rudel – meados do séc. XII)*

Rebelados mantém reféns em unidades de SP; polícia traz  
PCC à capital  
Criminosos matam seis guardas e policiais; líder do PCC está  
em SP  
Série de ataques contra a polícia deixa oito mortos em SP  
Onda de ataques do PCC mata ao menos 14 em São Paulo  
Sobe para 21 o número de mortos em ataques em São Paulo  
PCC mata 25 e rebela presídios em massa na maior ação cri-  
minosa de SP  
Série de ataques causa 30 mortes em SP; polícia prende 16  
suspeitos  
Governo confirma novos ataques em SP; 30 morreram desde  
sexta-feira  
Sobe para 32 o nº de mortos em ataques do PCC em SP  
São Paulo enfrenta segunda madrugada de ataques a policiais  
Série de ataques em São Paulo deixa 52 mortos e 50 feridos  
Criminosos promovem 115 ataques em SP; 52 pessoas morrem  
Número de mortos em ataques criminosos em SP chega a 55  
Presos liberados serão investigados; mortos em ataques pas-  
sam de 60  
Ataques incendeiam mais de 40 ônibus na Grande São Paulo  
Rebeliões simultâneas atingem 54 unidades prisionais de SP  
Incêndios criminosos fazem empresas recolherem ônibus  
Ataques incendeiam quatro bancos e mais de 60 ônibus  
PCC ataca bancos e incendeia mais de 60 ônibus  
Após ataques, oito empresas de ônibus param de circular em SP  
Rebeliões persistem em 46 unidades de SP; há 237 reféns

Ataques param empresas de ônibus e fecham terminais em São Paulo

Criminosos queimam 68 ônibus e deixam quase 3 milhões sem transporte em SP

SP sofre ao menos 180 ataques criminosos; mortos passam de 80

PM admite “guerra” e planeja operação de combate a ataques em SP

Policiais intensificam combate a ataques em SP; mais suspeitos morrem

Ataques diminuem, e paulistas tentam retornar à normalidade

PCC ordena fim dos ataques; ônibus voltam a circular em SP

Governo nega acordo com PCC, e polícia mata 71 suspeitos de ataques

Comandante geral da PM nega acordo com PCC, mas admite “conversa”

Furukawa admite que reunião com Marcola integrava proposta do PCC

Polícia mata suspeitos de ataques em nova madrugada violenta em SP

Polícia mata ao menos sete suspeitos de ataques durante a madrugada

Número de suspeitos de ataques mortos em SP sobe para 93

PCC paga R\$ 200,00 por depoimentos de delegados

SP enfrenta novos ataques; suspeitos mortos passam de cem

Em entrevista, suposto líder do PCC nega acordo para encerrar ataques

Suspeitos mortos pela polícia em onda de ataques em SP somam 107

Marcola ameaçou matar Lembo e Furukawa, segundo relatório  
Operadoras começam a cortar sinal de celular perto de presídios em SP

Juiz determina que mais quatro integrantes do PCC fiquem em RDD

Governo de São Paulo retira laudos de mortos do IML

Corpos ainda permanecem no IML; SP tem manhã tranquila

*Vai, Canção, fazer eco a uma velha canção:*

*Sunday bloody Monday bloody Tuesday bloody Wednesday*

*Thursday bloody Friday bloody Saturday bloody Sunday*

## LIBERTAS QUAE SERA TAMEN

a liberdade é para todos

a liberdade é para poucos

a liberdade é um tiro na testa

a liberdade está inscrita em nossos cromossomos, como  
a cor da pele, o câncer e o mal de Alzheimer

a liberdade é uma calça velha... (Pai, perdoa-lhes: não sabem  
o que falam)

a liberdade é o que temos quando nada temos

a liberdade é quanto fazemos

a liberdade é palavra arredia, como suas irmãs, todas  
três filhas de pai ignoto e mãe abjeta

a liberdade é azul, como um *blues* de Muddy Waters, águas  
turbas, pedras que rolam no deserto

a liberdade é o que fomos

a liberdade é quando não somos

a liberdade é o fumo que evola da brasa na ponta da  
haste de incenso e vai perfumar os pés de Buda, absorto  
em seu transe de pedra

a liberdade é a cinza que cai sobre a terra

Poesia até aqui

a liberdade é para poucos

a liberdade é para todos

a liberdade é o que nos resta

## UNCLE ZAPPA (I)

1965, Cucamonga,  
Studio Z.  
*Un pachuco bigodudo,*  
*his "buxom*  
*red-haired" girlfriend,*  
presos  
em flagrante,  
caídos na esparrela  
de um certo  
sargento Willis  
(San Ber'dino *vice squad*).  
Ao ouvir as  
"provas" do crime,  
o juiz chorou  
de rir: "*How*  
*could you be such a*  
*fool?"*  
Mas a Lei não  
brinca em  
serviço:  
não é mocinho,  
é bandido.  
10 dias de  
confinamento,  
*forty-four and one shower,*  
40 graus,  
Tank C.  
E na tigela de alumínio  
que trazia o  
desjejum:  
la cucaracha!

Poesia até aqui

*(ein ungeheueres  
Ungeziefer).*

*"Phoney, mendacious, shallow  
and ugly",*

THE AMERICAN  
WAY OF LIFE

*ya no  
puede  
caminar.*

## UNCLE ZAPPA (II)

New York City,  
1967,  
Garrick Theater.  
O World Trade Center  
ainda não foi  
construído.  
Os bares do Village arrotam  
*hard-drinking writers,*  
*newspaper men.*  
Na plateia,  
3 jovens marines  
esperam a  
ordem do dia.  
*"Hello pigs!"*  
*"Now we're gonna have*  
*basic training."*  
Luzes acesas,  
rufar de tambor.  
*"KILL IT!"*  
E enquanto a banda  
detona  
algo próximo a  
Archie Shepp,  
os 3 sobem  
ao palco,  
dilaceram a boneca.  
Música, luzes:  
*fade-out,*  
pianíssimo.  
Il maestro mostra  
a todos

Poesia até aqui

o que resta do  
"inimigo".  
De cócoras  
na primeira fila,  
*"a negro cat  
just come  
back  
from Vietnam"*  
desespera.

## UNCLE ZAPPA (III)

4 de dezembro,  
1971,  
Cassino de Montreux,  
*European tour.*  
3.000 garotos  
lotam o  
auditório.  
(Portas acorrentadas  
para evitar  
penetras.)  
Um acorde  
pode  
incendiar o mundo?  
*"Sheets of fire,  
ladies  
and gentlemen,  
Lachen von Feuer,  
sheets of  
real fire."*  
Um punho quebrou o  
vidro,  
em pouco tempo  
o edifício  
ardeu.  
*"Please calmly,  
calmly towards the  
exit."*  
Horas depois,  
na varanda  
do hotel  
(*le lac et les montagnes à l'horizon*),

Poesia até aqui

alguém rabiscou num  
guardanapo:  
*"Smoke on the  
water and ...."*  
NERO,  
de olhos vidrados,  
empunha agora  
uma  
guitarra.

## ELA NÃO SABE

Ela não sabe  
quem foi  
Mao  
Tsé-tung.

\*

Ele acredita que  
o rock  
surgiu  
ali por fins dos  
anos 70,  
em Londres,  
com um grupo  
que seu pai  
ouvia  
muito em casa,  
qualquer  
coisa assim como  
The Crash,  
ou  
The Flash.

\*

Não, querida,  
não visitei o blog  
ainda,  
mas imagino  
que sábias  
reflexões sobre

Poesia até aqui

o Ser, o Tempo  
& a Poesia  
não deverei  
encontrar  
por lá.

\*

Definitivamente,  
boné e  
piercing no nariz  
não fazem  
meu  
estilo.

\*

Beethoven,  
Bach e Brahms  
são nomes que,  
sem dúvida, começam  
com a letra B,  
assim como  
Britney Spears.

Mas, a  
menos que eu  
esteja muito  
equivocado,  
as semelhanças  
param por  
aí.

\*

Marcelo Sandmann

Sim, pois,  
como diria  
Paulo Coelho:  
"há mais coisas  
entre o céu e a terra  
do que sonha  
nossa vã  
filantropia".

## ELE NÃO SABE

Ele não sabe  
quem foi  
Yasser  
Arafat.

\*

Ela imagina  
o dia em que estará  
desfilando  
pelas  
mesmas passarelas  
do mundo  
onde brilhou  
Gisele,  
logo que  
perder aqueles  
oito  
quinhos.

\*

Claro, o Facebook  
é a melhor  
maneira  
de se  
reencontrar  
os  
velhos camaradas  
de escola dos  
quais há anos

e anos e  
anos  
já não temos  
qualquer notícia,  
felizmente.

\*

Não tenho  
uma grande cultura  
culinária,  
mas um Big Mac  
e uma lata de  
Coca-Cola,  
aqui  
nesta  
praçadealimentaçãohiperlotada,  
não será  
a melhor maneira  
de se  
iniciar uma  
relação.

\*

Beethoven,  
Bach e Brahms  
são nomes que,  
sem dúvida, começam  
com a letra B,  
assim como  
B. B. King.  
Mas, pra  
ficarmos  
um pouquinho mais

Poesia até aqui

à vontade,  
você sugere mesmo  
um *pot-pourri*  
com  
Karajan regendo  
Wagner?

\*

Sim, pois,  
como dizia  
Matusalém...  
O que é que  
Matusalém  
dizia  
mesmo?

## TEMPUS FUGIT (I)

Talvez pelo  
simples, pelo  
inevitável fato  
de que o prazo,  
a validade (ver  
informações no  
verso) deste  
corpo esteja  
aos poucos  
(*morituri te  
salutant*)  
se esgotando,

não saia pelas  
tardes da cidade,  
em dias de céu  
azul e sol,  
sem que um  
(pés bonitos  
nas sandálias)  
rabo-de-saia  
não acenda  
qualquer coisa  
irrevogável aqui  
em mim.

Outrora caminhei  
incólume, um  
tanto por timidez,  
outro tanto por  
princípio (sempre

Poesia até aqui

a recusa ao  
típico, ostensivo  
sestro  
masculino: o  
ruído obsceno  
nos lábios, a  
palavra maliciosa,  
o assovio  
impulsivo).

Mas agora que  
sei que sou  
precário e me  
vejo aguilhoado  
de tal modo ali no  
extremo da raiz do  
(digamos)  
"nervo lírico",  
fico pensando  
aqui comigo: mas  
que bobagem,  
como fui tolo,  
que  
desperdício!

Sim, mocinha  
distraída. Dobrado  
o Cabo (ainda)  
Tormentório,  
algumas milhas  
já além *del mezzo*  
*del cammin*, Lobo  
Bobo da Estepe  
acossado pelos  
próprios cães de

caça, Actéon  
na selva de neon  
clitando Diana  
semi-  
lua,

eis-me aqui,  
do outro lado  
da calçada,  
prestes a fazer  
o gesto, a dizer  
a tal palavra,  
a saltar por sobre  
a rua numa  
cabriola doida,

e postar-me  
(ou melhor:  
prostrar-me),  
diante de você,  
com um buquê  
de rosas  
cor de sangue na mão,  
feliz! feliz! feliz!  
por saber que ainda  
não chegou (pois  
vai chegar, já está  
chegando) a  
minha hora.

## TEMPUS FUGIT (II)

Não,  
ainda  
não fiz  
o exame da  
próstata  
(*alea iacta*  
*est*),  
não sei dos  
índices do  
meu  
colesterol,  
nem a quantas  
bate (se é que  
bate)  
o coração.

De uns  
tempos para  
cá (preciso  
registrar),  
ando mais  
tolerante ao  
álcool,  
menos a  
políticos e a  
cigarros  
e com ganas de  
esganar  
o primeiro  
que me grite  
aos

ouvidos.  
(Aleluia! Aleluia!)

Dentes,  
olhos, pele,  
sangue,  
urina,  
fezes,  
nada.  
Não fiz  
qualquer exame.  
(Por obséquio,  
contenha a  
risada.)  
Sei que  
corro riscos.  
Mas um homem,  
digno do  
nome, há de  
correr  
riscos.  
Como  
rezava mesmo  
aquele velho  
bordão?  
"Quem quer  
passar além do  
Bojador..."

Sabe, doutor:  
meus avós  
rasgaram mouros,  
cruzaram  
mares,  
chegaram a

Poesia até aqui

Cipangos,  
Catais,  
Índias lendárias.  
Correram o  
risco de  
piores  
malefícios.

Eu,  
“entre os finos  
animais de  
Moscóvia  
zibelinos”,  
deitado neste  
catre de ouro  
torpe, com  
o corpo a  
gosto  
(todo)  
constrangido,  
faço apenas  
um pedido:  
não me cure  
esta asma  
metafísica,  
nem me alivie  
os pruridos  
der-  
ris-  
ório-  
s.

## TEMPUS FUGIT (III)

“É em signos  
que se  
fica”,  
como disse  
um certo poeta.  
Em signos  
fortes,  
evidentes,  
inscritos na  
carne do  
tempo, lidos  
nas formas  
sensíveis,  
corruptíveis,  
incompactíveis (sejam  
folhas, sejam  
filhos, sejam *chips*,  
sejam  
pedras). Ou  
na memória  
daqueles  
com  
quem se  
con-  
viveu.

*In hoc signo*  
*vinces,*  
dirá você. Mas  
o que  
venço, afinal,

Poesia até aqui

na iminência de  
perder  
este corpo,  
frágil corpo,  
e o parco  
poder que ele  
tem de

t r a n s c e n d e r

(o brilho  
daquela janela,  
o cheiro de  
éter no  
corredor, o  
ruído dos  
talheres  
no apartamento  
contíguo)  
?

Não, eu  
não chamei  
você aqui,  
prefiro  
estar sozinho.

Se a  
hora é extrema,  
extremo é o  
esforço  
de dizer (não de  
rezar, nem  
confessar, mas  
de dizer):  
tudo  
vale a pena,

nada  
vale a  
pena.  
Vida, nove  
fora: zero.  
Vida vezes vida:  
vida.

Aceito o conforto  
de um  
gesto de  
afeto, mas  
guarde os santos  
óleos,  
me alcance um  
copo d'água,  
e chame,  
por gentileza,  
a enfermeira  
(*tota  
pulchra es*),  
que a agulha  
escapou  
da veia,  
a pele  
arde, é tarde,  
é muito  
tarde,  
adeus,  
está na hora  
de  
dormir.



**A FIO  
(2014)**

PARA LUÍZA, CLARICE E FRANCISCO  
MEUS FILHOS

*"Vida vai, desvario, correnteza de rio..."*



## POESIA *VERSUS* PROSA

*para Cristovão Tezza*

Um bom poema é feito  
tiro de misericórdia.

O poeta não tortura seu leitor  
como faz o prosador,  
linhas  
e dias a fio.

É pá-buf!

O corpo caído:  
o pinga na testa.

## SOL POR DENTRO

Há um sol  
que brilha por dentro.

(Pelos ossos, pelo  
sangue, pelos músculos,  
pelos nervos.)

Ele arde na carne,  
ferve na pele,  
reverbera em pensamento.

Há um sol  
no fundo do corpo,

lúcido, noite adentro.

## TANGO

Dançamos um tango  
à beira do abismo.

É vento em fogo  
o bandoneon.

Agora o passo  
além do previsto.

Volteio ascensional.  
Ao sol.

## DEBAIXO D'ÁGUA

Aprendi a respirar debaixo d'água.

Meus dedos são algas  
e enchem de luz  
o dorso da piscina.

Leio, no limo das paredes,  
o recado dos que ainda vão nascer.

Há um sono de pedra  
no fundo.

E um sonho inconcluso,  
que me convida a ficar,  
ficar, ficar...

## AZUL

É de um rasgo do céu  
que se fez o tecido,  
azul impossível,  
céu que ninguém vê.

Azul, ou vermelho sublimado?  
O sangue de um deus,  
se derramado,  
deve ter a cor assim.

## ELA QUER

*"Vai-las lavar alva." (D. Dinis)  
para Lara Frutos*

Ela quer as coisas claras.  
Como claras em neve.

(Assim uma saia  
de cambraia,

alva no varal  
desde o alvorecer.)

Tudo sempre às claras.  
Nada que calara.

Tudo dado a conhecer.

## ESTAMOS EM GUERRA, MEU AMOR

Com uma bala de borracha  
na coxa,  
você me acena  
do outro lado da praça.

Estou tonto e meio cego,  
e a fumaça que ferve ao redor  
nos diz que o fogo  
mal começou.

Estamos em guerra, meu amor.  
E com isso mais nos amamos  
e nos desejamos.

Entre o meu corpo e o corpo teu,  
avança a tropa de choque,  
rebenta a multidão.

## AUTO POSTO NOSSA SENHORA APARECIDA

“Ói passarim cagou no seu carro!”,

ela diz, franzina,  
exatamente assim,  
sorriso bonito nos lábios.

Não é sempre que encontro uma frentista,  
e fresca e disposta  
como esta.

Muito menos quem conjugue o verbo  
“cagar”  
com tal encanto e propriedade.

Sou um homem triste, esquivo, preso  
à minha classe (*sic*),  
preso  
ao cinto deste carro.

Peço a ela que complete o tanque  
e sigo adiante,

enchendo a cidade de sombras,  
dióxido de carbono  
e versos imperdoáveis.

## ASPIRADOR DE PÓ

*para Luciana Martins*

Hoje resolvi  
fazer a faxina da casa.

Não por falta de asseio  
(nem por falta de assunto),  
que a moça que pagamos para isso  
é mestra  
em seu ofício.

Não sou propriamente um sedentário,  
mas arrastar a  
cama, le-  
vantar o colchão e  
insinuar  
o  
cano do aspirador em  
cada canti-  
nho  
não é para diletantes.

Tampouco esfregar a calçada,  
cujas lajotas,  
imprudentemente brancas,  
insistem em ficar sujas.

(Na rua principal aqui do bairro,  
as duas padarias fecharam  
e, no lugar,  
surgiram uma revendedora de celulares

e a terceira farmácia,  
ou *drugstore*,  
para ser conceitualmente preciso.)

Você vai me perguntar  
o que é que a estrofe acima  
tem a ver  
com tudo isso.

E eu vou dizer que não sei.

Não é fácil manter um poema  
bem limpinho.

## GARÇOM, POR GENTILEZA, CANCELE A ÚLTIMA CERVEJA!

*para Nelio Waldy Koentopp Jr.  
e Carlos Alberto Lins*

É preciso sair  
da zona de conforto.

Um soneto pode ter trezentos versos.  
Um poema concreto,  
desabar como uma marquise.

A poesia mais dolorosamente satânica  
é uma carícia  
diante dos desígnios de Deus.

A realidade é um exagero constante,  
margens soberbamente borradas,  
trânsito atônito entre hemisférios.

Para que poemas comedidos?

"E eis que o sol se derreteu  
na minha folha de papel azul..."

(Escrevi esses versos aos 19 anos,  
um bom pretexto para  
não mercar armas  
nem escravos.)

Mas vejo que continuo impune,  
apesar de vivo.  
E vivo, sem  
ainda ter nascido.

## ALELUIA, IRMÃOS! ALELUIA! (SILÊNCIO, QUE O POETA MEDITA)

Estou criando um segundo queixo.  
(É foda envelhecer!)

Sobre a mesa,  
uma resma de papéis.

Mordo outra vez a gengiva.  
O café  
dormita na térmica.

Aponto o lápis a estilete.  
É claro que a ponta  
quebra.

Levanto a camisa,  
afago a barriga.

Cutuco o umbigo  
com a ponta cega:

"Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Cunigundo..."

Enfio o nariz debaixo  
do braço:

"É no débito  
ou no crédito?"

A propósito, tem um gambá  
morando aqui no teto.

(É sério!)

Ele raspa o forro com a pata,  
eu coço, solidário,  
o pescoço.

Alguém, na casa ao lado,  
se esgoela:

“Aleluia, irmãos!  
Aleluia!”

## GORDURA LOCALIZADA

Enfim, o sobrepeso!

Receitou-me a dieta da lua  
e uns abomináveis  
abdominais.

(À lua,  
sei uivar como um lobo.)

O heroísmo nosso de cada dia:  
sonhar horizontes  
numa  
esteira rolante.

"Meus avós rasgaram  
mouros,  
cruzaram mares..."

Mas você corre, Marcelo!  
(Marcelo,  
para onde?)

Marcelo Sandmann

## MAIS 9 PAESIANAS (NOVAMENTE À PAISANA)

### 1. NUMA *DRUGSTORE* HIPERMODERNA

*Edward Snowden dixit*

Sorria!  
Você está sendo  
monitorado.

### 2. REFRÃO RAMERRÃO

Ciranda financeira,  
vamos todos  
cirandar,

vamos dar  
a volta inteira,

muitas voltas vamos  
dar.

### 3. *LEX TALIONIS* *rever etimologia*

Olhos por olho,  
dentes por dente.

Em sete dias  
de conflito,  
130 palestinos mortos  
contra  
5 israelenses.

Poesia até aqui

#### 4. ORAÇÃO DO DIA

17/12/2012

Com a corda no pescoço  
e os pés no cadafalso,  
rezo ao Santo do Pau Oco  
e à Virgem dos Pés Descalços

pra que livrem a Rússia de Putin,  
a Síria de Bashar al-Assad,  
a Europa de Angela Merkel  
e eu aqui deste lugar.

#### 5. RÁPIDOS NO GATILHO

"First idea, best idea."  
(Allen Ginsberg)

"First take, best take."  
(Ornette Coleman)

"First shot... bullshit!!!"  
(George W. Bush)

#### 6. CONVERSA DE VESTIÁRIO

*ready-made*  
"E a filosofia lá daquele troço?!?"

Tudo uns  
esquerdinha.

Ninguém quer trabalhar."

Marcelo Sandmann

## 7. CAREQAS DE SABER

Pois,  
como dizia Mao:

“Ser igual  
é legal.”

## 8. ORGULHO DA INFLUÊNCIA *para Paulo Franchetti*

O poeta ideal?

Drummond,  
pelo crivo de Cabral.

## 9. MARGINÁLIA VIP

Poeta maldito,  
sim.

Mas falem  
bem  
de mim.

## JOGOS DE AZAR

*"What a wonderful world!"  
(de Bob Thiele & George David Weiss,  
na voz de Louis Armstrong, é claro)*

### 1. MOLOTOV

Arremessou o artefato  
contra o ônibus  
lotado.

Juntou-se, em seguida,  
aos demais.

"Façam suas apostas".

### 2. LUZ, CÂMERA... AÇÃO! (depois é confiar no editor)

Sim, certaíra,  
a bala de borracha,  
no olho da repórter.

Certeira,  
no olho da repórter,  
a bala de borracha, sim.

No olho, sim, certaíra,  
da repórter, a bala  
de borracha.

De borracha, sim,  
certeira, no olho, a bala,  
da repórter.

### 3. ESCRAVOS DE JÓ

Uni, duni, tê,  
salamê mingüê,

três mindingo colorê,  
o escolhido foi...?

### 4. NO PONTO ERRADO

Quem são os pais  
dessa menina?

(Cadê os pais  
dessa menina?)

É isso essa menina?

Cadê?

### 5. PEGA, MATA E COME (o primeiro alexandrino a gente nunca esquece)

Um jeito  
cheio de trejeitos  
ao caminhar.

Um certo requebro,

quem sabe ostensivo,  
ou se instintivo,

quem sabe o quê?

Um modo de dizer  
a que se veio  
ou não se veio, enfim.

Foi-o-bas-tan-te-pras-qua-ren-tae-três-fa-ca-das.

## 6. DIRETO AO ASSUNTO

Aqui é sempre  
conversa franca.

Aqui ninguém enrola:  
é curto e grosso.

Aqui a gente  
joga gasolina

e taca fogo.  
EU FALO, TU FALAS, ELE FALA

Eu falo, tu falas,  
ele fala.  
Falamos todos, a sós,  
pelas praças.

Cabeças tronchas  
rolando nas calçadas:

boquinegras, boquirrotas,  
boquiabertas.

Babamos nossa prosa  
purulenta.

(Gengivas sangrentas,  
gargantas supuradas.)

Tartamudos, tartassurdos,  
tartacegos:

grasnamos ao largo, ao léu,  
ao vento.

Palavras pífias que,  
mal alçam vôo,

caem  
como chuva de migalhas.

## MENOS QUE MENOS

Menos.

Eu quero menos.

(Menos que menos.)

Das reticências,  
um ponto  
apenas.

Somente o mínimo, o ínfimo.

Talvez nem mesmo,  
por exagero,  
o pinga no

i.

Marcelo Sandmann

## LAPSO

E nem lembrar que

## LEI SECA

*para Ivan Justen*

Vinho tinto para escrever,  
vinho branco  
para revisar o escrito.

É o conselho que recebo  
de um amigo.

Pois eu, quando escrevo  
(se me atrevo),  
bebo meio gole d'água.

## BIFURCAÇÃO E CONTROVÉRSIA

Jogou a moeda para cima:

par?  
ou  
ímpar?

\*

Ela  
(ou foi ele?)  
disse par.

Ele  
(ou foi ela?),  
ímpar.

## QUESTÃO DE MÉTODO

Ele (ela?) é do tipo que diz  
que as coisas são assim.  
E que as coisas são assim  
porque as coisas são assim.

Ela (ele?) torce o nariz:  
Por que as coisas são assim?  
E que coisas são assim?  
(São assim, de fato, as coisas?)

Marcelo Sandmann

## *LE BON GOURMET TRÈS RAFFINÉ*

a ternura da faca  
fatiando a carne

a cordura do óleo  
refogando a posta

a candura do dente  
desfibrando o naco

a brandura da língua  
deglutindo a pasta

a doçura do ventre  
dissolvendo a massa

a mesura da água  
despedindo a bosta

Poesia até aqui

## *TROJAN HORSE* (NÃO ABRA)

eu: Ulisses  
no ventre do cavalo  
ardil & urdidura

eu? Ulisses?  
no ventre do cavalo  
insídia & tessitura

eu: Ulisses  
no ventre do cavalo  
ventura? desventura?

## DIA MENOS DIA

Dia menos dia  
mais dia  
menos dia.

Gota sobre gota  
pingando  
sobre a pia.

Hoje, como ontem  
como nunca  
como sempre.

Gota sobre gota  
pingando  
sobre a pia.

Dia menos dia  
mais dia  
menos dia.

## ABECEDÁRIO (OU: BESTIÁRIO À MODA DO POETA)

a é alfa  
b é bifurcação  
c é controvérsia  
d é *daimon*  
e é ensimesmamento  
f é formular  
g é gnose  
h é habilitar  
i é ícone  
j é jogo  
k é *kaspar hauser*  
l é *leitmotiv*  
m é mesmerizar  
n é *nulla res*  
o é obra  
p é pulso  
q é quiséssemos  
r é rito  
s é súmula  
t é tempo  
u é urdidura  
v é vírgula  
w é *wittgenstein*  
x é xeque  
y é *yellow shark*  
z é *zirigdansk*

## GALOPE AMARTELADO

minha mãe,  
minhas mãos  
meus músculos  
minha memória  
meus mitos  
minhas mentiras

meu martelo meu martelo

minha musa  
minha música  
meu mosteiro  
meu mistério  
meus mortos  
minha morte

(meu martelo meu martelo)

## MORA NA FILOSOFIA? (SONETILHO #1) (*TAKE 1*)

*sobre samba de Monsueto  
na cadência de Vinicius*

Pode rimar  
amor e dor,  
pois dor e amor  
dão belo par.

Mas quem for dar,  
em vez de amor,  
somente dor,  
não deve amar.

O que se quer,  
melhor saber  
e decidir.

E então viver  
como se quer  
sem mais fingir.

Marcelo Sandmann

## MORA NA FILOSOFIA? (SONETILHO #1) (TAKE 2)

*sobre samba de Monsueto  
na cadência de Vinicius*

Convém rimar  
amor e dor,  
pois dor e amor  
dão belo par.

Mas quem for dar,  
ao seu amor,  
apenas dor,  
não deve amar.

O que se quer,  
melhor saber  
e decidir.

E então viver  
com quem se quer  
sem mais fingir.

## ADAMASTOR REVISITADO (DÉCIMA, À MODA DA CASA)

*“Oh! que não sei de nojo como o conte!”  
(Camões, Os Lusíadas, Canto V)*

Adamastor sentou-se em frente à tela.  
Moveu o *mouse*. Abriu o navegador.  
Atrás de sua Tétis, cego, segue,  
não apenas de um olho, mas camões  
dos dois. Ah, quem lhe desse o desengano!  
Agora, como reparar o dano?  
Razões não vão zerar as desrazões.  
Urdiu um sonho, a que se viu entregue,  
insano, mais que insano, o sonhador.  
Zomba dele sem pena, Ninfa bela!

Marcelo Sandmann

## BREVE NOTURNO PARA CHARLES BAUDELAIRE

*"Guignon. Pas de chance."*

Degolo o sol,  
em meio às nuvens,  
no crepúsculo.

Beijo a boca da lua.  
Caminho sobre o abismo.

Tiro o planeta do eixo.  
Abato as estrelas a tiro.

Acomodo, à minha esquerda,  
Hermes Trismegisto.

À direita, Mefisto.

Evoé!

## ELPENOR REVISITED (TAKE 3)

*"Lie quiet divus."*  
(Ezra Pound, *The Cantos*, Canto I)

Azar e muito vinho.

Adormeci ao pé  
do fogo.  
Despertei entorpecido.

Descendo pela escada,  
tropecei.

Bati a nuca. A alma  
escapuliu-me.

Sem túmulo nem luto,  
suplico:

recolham meus escritos.

Um homem de má sina  
assinale-se ali.

## ELPENOR REVISITED (TAKE 5)

*"Lie quiet divus."  
(Ezra Pound, The Cantos, Canto I)*

Azar e muito vinho.

Dormi ao pé  
do fogo.  
Acordei empedernido.

Descendo pela escada,  
despenquei.

Bati a nuca. Minh'alma  
escapuliu-se.

Sem luto nem túmulo,  
suplico:

recolham meus escritos.

Um nome de má sina  
assinale-se aqui.

## DOIS EXCERTOS BÍBLICOS (PRIMEIRA E SEGUNDA QUEDAS)

1.

“Pois és pó  
e ao pó tornarás.”

Cobriu-nos,  
estendeu uma das mãos  
  
e ordenou que saíssemos.

Na curva do caminho,  
olhei para trás  
e chorei.

2.

(O pecado jaz à porta,  
cão acuado que espreita.)

– Vem, Abel,  
vou contar-te um segredo.

## ÚLTIMA CEIA

E eis que algumas palavras  
Saltam para fora  
De um rio caudaloso e barrento  
E estatelam-se nas pedras  
E ressecam ao sol  
Peixes que salgo  
Com o suor do meu rosto  
Preparo  
Reparto  
Mastigo  
Aqui com vocês  
Nesta mesa comum  
Ainda uma vez  
Nossa última ceia

## A FIO

*letra para música de Grace Torres & Ulisses Galetto*

Trago aqui no fundo do peito  
O pasmo, o soco, o salto, o susto  
E uma certeza bem certa:

Um homem pra poder de fato ser um homem  
Segue sozinho  
Segue sem trégua

Guardo aqui comigo em segredo  
O mar, o sol, o céu, a lua  
E uma esperança repleta:

Um homem pra poder de fato ser um homem  
Segue seguro  
Em linha reta

Mas qual o caminho  
Afinal  
Que corre claro  
Certo  
Estrada a fio sem desvios?

E quem sabe  
Ou viu  
Onde vai dar  
Em que morada  
Ou ao fim o que há de ser?

Leve

Leve  
Leve  
Leve  
Brisa leve  
As nossas cismas

Longe  
Longe  
Quem sabe  
Além  
Quem sabe  
Ainda mais  
Bem além

(Quem dera!)



**SANGUE NA GUELRA  
(2016)**

PARA BRANCA GONÇALVES CORRÊA



## O POETA SAI DE CENA

O poeta sai de cena,  
deixa versos  
e o cadáver.

(Como fugir ao culto dos mortos?)

As palavras são difíceis  
mas a carne cede fácil.  
Que ternura! Que metáforas!  
É morto fresco.

E se o sabor sabe a bolor,  
ou já mesmo a podridão,  
é que estes tempos são tempos  
de rápida corrupção.

Pois fiquem à vontade, sirvam-se.  
Experimentem seu *foie gras*,  
quitute cevado há anos  
com tintos de fina cepa.

(Todo leitor tem um quê de necrófilo.)

Por gentileza, sirvam-se.  
Não façam cerimônia.  
Vida longa à poesia!  
*Et bon appétit!*

## PARTIDO DO FRIO

Penso tirar partido do frio.  
Este frio não tão somente  
condição atmosférica  
(posto seja isso, sim,  
agudamente),  
mas também  
todo um estado de espírito.

Preparo versos de gelo,  
que devo mastigar  
com o prazer de quem mastiga  
pedras.

E que quero cuspir,  
junto a cacos de dente  
e uma baba de muco e sangue,  
nessa parede indene,  
frígida,  
asséptica.

## MENOS CLARAS

Vamos falar de coisas menos claras.

Do que à primeira vista  
não pode nem ser visto.

Do que em contato  
escape a todo tato.

Vamos ouvir o som de um sismo percutindo  
em fundo de cratera  
de satélite em declínio  
de planeta perdido em remoto  
sistema solar.

Vamos sonhar com o que foge à matemática,  
pois que é de outra matemática,  
mais dura e rara.

Um cálculo que o cérebro processe  
quando em coma.

Vamos amar a mulher em chamas,  
vulcão em trabalho de parto.  
Ela verte com fúria suas cinzas,  
e lava em lavas  
o que esteja no caminho.

Vamos rezar ao deus abatido,  
que jaz no fundo do corpo.  
(Que jaz no fundo do copo.)  
Essa água mais seca que a sede,  
mais turva que o vinho.

## TAXIDERMIA

Com lâmina de aço inexorável,  
ele fere firme a epiderme,  
esgarça os nervos,  
retalha os músculos,  
revira as vísceras  
e risca, nos ossos,  
suas iniciais.

Taxidermista habilidoso,  
extraí do corpo  
o que nele há de carne.

E esse invólucro difuso,  
a que muitos chamam "alma",  
vai enchendo com palavras,  
palha vã  
que nos mantém.

## O CHAMADO DE DEUS

Lá onde Babel  
falou milhões de línguas  
perdi o juízo.

Caminhei nu e cego pelo deserto.  
E quando, enfim, alcancei  
a cidade,  
meu corpo era uma chaga viva.

Achei-me sozinho em meio à multidão.

E surdo.  
Completamente surdo.

Apenas zumbidos,  
como cacos  
de vidro  
rasgando os ouvidos.

(Era esse o chamado de Deus?)

## NOIVA DAS ONDAS

*para Thiago Amud*

Quando meu corpo veio dar à praia,  
o sol rasgava os flancos da manhã.  
Sargaços se agarravam à minha saia,  
conchas e peixes às meias de lã.

Três dias eu rolei por sobre a areia,  
noiva das ondas, em doido vaivém.  
Ora a vazante, agora a maré-cheia,  
três dias e três noites sem ninguém.

Os olhos debicados pelas aves,  
a carne corroída pelo sal,  
os ossos encharcados pelas chuvas:

sofri os transe das horas extremas.  
Por fim, apenas sombra em meio às pedras,  
desenganei-me da terra e do céu.

## SANGUE NA GUELRA

*para Alice Gonçalves Corrêa*

"Ela tem sangue na guelra",

ouvi certa vez minha avó dizer  
(seu acento levemente português)  
já não lembro a respeito de quem.

Pois eu, menino,  
se sabia o que era "sangue",  
estranhei aquela "guelra".  
*Sangue na guerra?*

E repeti, concentrado, mentalmente:  
"guelra", "guelra", "guelra", "guelra"...  
até a palavra se dissolver.

Um dia, caminhando  
pela praia de Guaratuba,  
alcançamos a aldeia dos pescadores,  
os barcos recém atracados,  
as barracas apinhadas de pescado.

"Sangue na guelra",

ela disse, outra vez,  
e enfiou os dedos por detrás  
de um dos lados da cabeça do peixe,  
que se debatia, aflito,  
entreabrindo ali umas lâminas  
vermelhas, viscosas,

Poesia até aqui

que palpitavam:

“Sangue na guelra”.

## RECADO NO PISO

Os cabelos,  
no chão do banheiro,  
propõem enigmas  
a decifrar.

No acaso da queda,  
ao toque do vento,  
fios longos ou curtos,  
claros ou escuros,  
compõem sua trama,  
um convite ao devaneio.

\*

(Ontem,  
minha filha dormiu aqui.

Deixou um recado no piso,  
de sonhos e cismas,  
apelos  
e silêncios.)

## CONCERTO DE ABERTURA

*noite de 07 de janeiro de 2016,  
Grande Auditório do Teatro Guaíra*

A corda do instrumento estala  
em meio ao 3º movimento  
do Concerto para Cello  
em Ré Maior, de Haydn.

O maestro, em sobressalto,  
ergue o braço:  
a orquestra se desarma.

A corda já não soube resistir  
ao vigor e à precisão  
dos dedos e do arco  
de Antônio Meneses.

No lapso de silêncio  
antes que o público  
exploda em aplausos,

deixo-me levar pela vertigem.

A noite pode interromper seu curso,  
o teto do teatro desabar,  
meu coração descompassar  
de vez.

## FERIDO DE AMOR E MORTE

*"Ferido de amor e morte"*  
(Manoel de Barros)

Ferido de amor e morte,  
eu me arrasto pela cidade.  
A noite é fria! A sede é tanta!  
Os bares estão todos fechados.  
Beber não alivia.

Um cão remexe o lixo  
num canto da calçada.  
Ele rosna quando me achego:  
quer um naco de minha perna,  
lasca de minhas costas,  
meu coração por inteiro.

Há uma lua no céu, mas está murcha,  
não vale a pena ganir.  
É uma lua frouxa, que escorre  
nas janelas, entra pelos olhos,  
mancha tudo de luz cinza.

(Pobre lua abandonada,  
mal nasceu, já agoniza!)

Ferido de morte e amor,  
eu me arrasto pela cidade.  
Em breve, um novo sol,  
tonto de sono,  
virá despencar sobre nós.

## A LOSING GAME

na voz de Amy Winehouse

você me encontrou: eu te encontrei  
você me encantou: eu te encantei  
você se entregou: eu me entreguei  
*love is a losing game*

você me estranhou: eu te estranhei  
você se guardou: eu me guardei  
você se lixou: eu me lixei  
*love is a losing game*

você se drogou: eu me droguei  
você se cortou: eu me cortei  
você me queimou: eu te queimei  
*love is a losing game*

você se matou: eu me matei  
você me entregou: eu te entreguei  
você me deixou: eu te deixei  
*love is a losing game*

*(just a losing game)*

## ESCREVO PARA OS MORTOS

Escrevo para os mortos.  
É com eles que converso enquanto escrevo.

Esta áspera ruminação:  
meu desejo de dizer apenas pedras.  
(Apenas perdas.)

Pedras tumulares.

Silêncio vertical, incisivo,  
que se entranha.  
Silêncio de águas penetrantes,  
pela terra.

(Que encharquem a carne,  
dissolvam os ossos  
e lavem  
o que reste de memória.)

Escrevo para os mortos.  
É a eles que dedico meu ofício.

## E JACÓ LUTOU COM O ANJO

*para Dalton Trevisan*

Se um dia acaso precisar  
matar  
o próprio pai,  
não o mate pelas costas,  
não o faça pouco a pouco,  
não o queira  
à traição.

Mate-o pela frente:  
olho no olho,  
o hálito quente,  
a faca bem afiada,  
certeira,  
no coração.



